
**Educação, informação e memória:
considerações sobre o processo de produção de uma audiobiografia¹**

Jusef Felipe Pinto de OLIVEIRA²

Luiza Rodrigues SANTANA³

Elton Bruno PINHEIRO⁴

Universidade de Brasília – UnB

RESUMO

O presente artigo apresenta considerações teóricas, metodológicas e reflexivo-analíticas sobre o processo de produção de uma audiobiografia. O referido formato radiofônico caracteriza-se pelo seu caráter educativo, informativo e memorialístico e foi concebido como peça experimental para a disciplina denominada Roteiro, Produção e Realização em Áudio ministrada no Curso de Comunicação Social – habilitação em Audiovisual, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). O formato audiobiografia é ainda, relativamente, pouco explorado, mas possui um campo muito vasto de possibilidades. Atua como instrumento ressignificador da memória e também como disseminador de conhecimentos – possui uma capacidade de impacto e de considerável assistência à comunidade–, podendo não só instruir, mas também entreter quem gosta de uma boa história.

PALAVRAS-CHAVE: Audiobiografia. Produção Radiofônica. Linguagem Sonora.

O desafio enfrentado pelo som na sociedade das imagens

O presente texto tem como propósito dissertar sobre o trabalho Professora Dione Oliveira Moura: uma audiobiografia⁵, realizado pelos alunos do quarto semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Audiovisual – da Faculdade de Comunicação da UnB, Jusef Felipe Oliveira e Luiza Rodrigues Santana, sob a orientação do Professor Elton Bruno Pinheiro, na disciplina Roteiro, Produção e

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Membro do Núcleo de Estudos e Produção Digital e Linguagem Sonora (NEPLIS), do Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Bolsista de Extensão no Projeto Produção Radiofônica e Educativa e Conexões Culturais. E-mail: jusef.felipe@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Email: luizarodrigues95@outlook.com.

⁴ Orientador do Trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas e Bacharel em Comunicação Social pela UFPB. Líder do Núcleo de Estudos e Produção Digital em Linguagem Sonora (NEPLIS) da FAC/UnB. Integra o Laboratório de Áudio da FAC/UnB. Pesquisador do Observatório da Radiodifusão Pública na América Latina. Membro do Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora da Intercom. E-mail: eltonbruno@unb.br.

⁵ A Audiobiografia da professora Dione Moura pode ser acessada em no site do LabAudio da FAC/UnB, no endereço: <http://labaudio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=705>.

Realização em Áudio. Antes de esmiuçar a realização da peça radiofônica, é preciso compreender o universo que esta habita: o mundo do rádio, a cultura do ouvir.

Com o passar dos anos e o concomitante advento da tecnologia, a sociedade está cada vez mais guiada por uma cultura que valoriza a imagem e, assim, negligencia o escutar. Da mesma forma que a televisão, em alguma medida ou na visão de alguns, destronou o rádio, a imagem parece ter cada vez tem mais poder e conseqüentemente o som acaba sendo desvalorizado. Estamos no que Norval Baitello Junior (1997, p. 4) chama de “Sociedade da Imagem”. No mesmo texto o autor ainda questiona o fato de a sociedade contemporânea estar se tornando surda, não pela incapacidade de ouvir, mas por não dar atenção e valor ao que ouve. “A cultura e a sociedade contemporâneas tratam o som como forma menos nobre, um tipo de primo pobre, no espectro dos códigos da comunicação humana.” (BAITELLO, 1997, p. 5).

Apesar de o som muitas vezes ser sobreposto pela imagem, o universo sonoro é único em sua linguagem e elementos. Armand Balsebre, ao definir o que é linguagem, assinala que o som possui sua própria: “Existe linguagem quando tem-se um conjunto sistemático de signos que permite certo tipo de comunicação. [...] A linguística moderna fixa também um terceiro aspecto entre o código e a mensagem: o uso social e cultural” (BALSEBRE, 1994, p. 327). Balsebre segue em seu texto explicando como o avanço da tecnologia interferiu na própria linguagem sonora, modificando e enriquecendo, criando novas possibilidades a partir do trabalho específico com o som.

Com o desenvolvimento tecnológico da reprodução sonora; a profissionalização dos roteiristas, montadores, realizadores e locutores; a adaptação ao novo contexto perceptivo imaginativo, que determinava uma maneira distinta de escutar o som, e, também, com o pleno convencimento de que a mensagem sonora do rádio poderia transformar e tergiversar a expressão da natureza, principalmente através da ficção dramática, criando novas paisagens sonoras, nasceram rapidamente novos códigos, novos repertórios de possibilidades para produzir enunciados significantes. (BALSEBRE, 2005, p. 328).

Um ponto primordial proporcionado pelo ouvir, mas especificamente o rádio – apontado por José Eugênio de Menezes em *Rádio e Cidade* – é de que os sons provocam uma imagem visual – estimulam a inteligência – uma vez que, diferentemente da cultura da visão, as paisagens, imagens diversas não estão previamente construídas, prontas.

A criação de imagens com o som está intimamente ligada ao conceito de paisagem sonora, que Murray Schafer define em seu livro *A Afinação do Mundo* (1997, p. 23): “A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*.” O uso dos elementos da linguagem sonora é o que torna possível a criação de imagens apenas através dos sons.

Em *Produção de Programas de Rádio – do roteiro à direção*, Mario Kaplún define as três funções primordiais a serem desempenhadas pelo rádio:

Um das noções clássicas em comunicação de massa é a que estabelece que o rádio tem três funções a cumprir – informar, educar, entreter – e que, portanto, seus programas devem classificar-se em três categorias: informativo, educativos-culturais e de entretenimento. (KAPLÚN, 2017, p. 20).

Tendo em vista esse ponto, essas funções não são excludentes e realizadores em rádio devem desfrutar livremente de um conteúdo híbrido que as mescle.

O incentivo à cultura do ouvir é a solução para que haja uma maior valorização da linguagem sonora. Partindo do pressuposto de que estamos em uma sociedade voltada à imagem, o som se encaixa nesse padrão através de sua capacidade em formar imagens mentais e interiores, “diferentemente da cultura da visão, os cenários não estão prontos, as imagens não estão definidas, e, com isso, os sons provocam a criação de imagens mentais, geram imagens endógenas” (CANAMARY, 2008, p 257).

A palavra, o texto, a voz, devem ser claros e de fácil entendimento, é a principal forma de se transmitir informações em um produto em áudio. Os efeitos são vários, dão brilho ou opacidade, são os efeitos que dão a cor, ditam o clima, criam a paisagem, formam as imagens. A música pode ser instrumental ou cantada, é o produto em áudio mais consumido. O silêncio, tudo começa e termina por ele, causa desconforto ou alento, serve para dar uma pausa, respirar um pouco, está sempre presente, basta só ouvir. Esses são os principais elementos da linguagem sonora, são o que a caracterizam como linguagem.

A proposta da atividade era a produção e realização de uma peça radiofônica dentro do gênero educativo-cultural, porém, como sugerido por Canamary (2008), mesclando elementos também informativos e de entretenimento.

Compreendendo o gênero comunicacional educativo-cultural

Como brevemente mencionando no tópico anterior, a peça a qual se referencia o presente trabalho foi concebida e realizada dentro do gênero educativo-cultural. Mas como se define tal gênero? Qual a sua importância?

Antes de aprofundar acerca do gênero em questão, deve-se estabelecer a que se refere a categorização de gênero no que tange o universo radiofônica. A citação que segue, extraída do texto *Gêneros e formatos radiofônicos* de Eduardo Vicente (2010, p. 408), define com bastante clareza: “consideramos gênero radiofônico uma classificação mais geral da mensagem, que considera o tipo específico de expectativa do ouvinte que ela visa atender”.

Nesse sentido, o gênero educativo-cultural, por exemplo, consiste em um programa voltado para transmissão de conteúdos educacionais e culturais (VICENTE, 2010). A produção de conteúdo de caráter educativo e cultural é fundamental para a democratização do saber. Enquanto muitas vezes a noção de cultura e educação é referenciada a um público elitizado; e a produção de conteúdo desse gênero é feita de forma desinteressante e não atrativa, surge a necessidade da criação de produtos não só atrativos e interessantes, mas também de fácil acesso e divulgação.

No artigo *Gênero educativos no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação*, as autoras Roseane Andrelo e Maria Tereza Kerbauy (2009) destacam uma importante função do caráter educacional do rádio: formar ouvintes críticos, cidadãos conscientes, pessoas com sensibilidade estética, ética etc. Isto é, o rádio tem papel fundamental uma vez que oferece subsídios para que a população alcance, de maneira democrática, o saber em diversas áreas. As autoras tratam em seu artigo da especificidade deste veículo de comunicação tão particular e relatam a importância de se pensar e adaptar o gênero educativo a multiplicidade do rádio, buscando alternativas para o modelo tradicional de ensino (professor – aluno).

Como produzimos uma audiobiografia pensada para rádio e também para adaptação em novas mídias, é necessário ressaltar a importância das rádios educativas. A maioria das emissoras de rádio no Brasil são comerciais, enquanto as emissoras educativas se restringem a rádios universitárias e de fundações vinculadas com o Estado de alguma forma. A primeira rádio do Brasil foi fundada por Roquette-Pinto, a Rádio

Sociedade do Rio de Janeiro, que logo depois foi doada ao Ministério da Educação, com a condição de que a emissora se restringisse a programas educativos.

A escassez, tanto de emissoras educativas, quanto de audiência em programas educativos, está intimamente relacionada à cultura do ouvir. As rádios mais ouvidas têm sua programação voltada à música, notícias e programas religiosos, o costume de ouvir programas educativos se limita a poucos ouvintes.

Apesar de existir medidas que obriguem até mesmo as emissoras comerciais de rádio e televisão a transmitirem programas educativos, a melhor alternativa para o gênero é a adaptação às novas mídias. Na *internet* é possível encontrar uma vastidão de produtos educativos e culturais, uma parte é de produtos que foram feitos pensando em outros meios, como rádio e televisão, e foram adaptados para a *web* e novas mídias, mas também existem os conteúdos que foram feitos exclusivos para a *internet*, com sua linguagem e suas características voltadas para o meio.

A Empresa Brasil de Comunicação (EBC) disponibiliza os seus conteúdos para a reprodução e *download* gratuito, as rádios da EBC possuem ótimos programas educativos e culturais disponíveis gratuitamente em seu *site*⁶. A empresa de comunicação Roquette-Pinto é responsável pela produção do programa *Hora do Enem*, com aulas dinâmicas voltadas ao Exame Nacional do Ensino Médio, a transmissão é feita pela TV Escola, também disponível no *site*⁷ da emissora e em seu canal no *YouTube*⁸. Em plataformas como o *YouTube*, existem muitos conteúdos audiovisuais de sucesso que se encaixam no gênero educativo-cultural, o canal *Descomplica*⁹ apresenta videoaulas com conteúdos preparatórios para vestibulares e concursos, é um dos canais mais conhecidos desse formato.

As novas mídias oferecem uma facilidade de criar e divulgar conteúdos, dando oportunidade de produzir independente das grandes empresas de comunicação e das instituições públicas, isso gera uma grande variedade de conteúdo. Dessa forma, a melhor opção para a democratização do conhecimento é através da produção pensada no meio digital, é por esse caminho que a produção de caráter educativo-cultural, inclusive a radiofônica, vai conseguir atingir o seu objetivo de difundir a cidadania.

⁶ Os conteúdos das Rádios EBC podem ser acessados em: <<http://radioagencianacional.etc.com.br/>> e também em: <<http://radios.etc.com.br/>>.

⁷ Os episódios estão disponíveis em: <<https://tvescola.mec.gov.br/tve/vidioteca/serie/horadoenem>>.

⁸ Os episódios no *YouTube* podem ser acessados em: <https://www.youtube.com/user/tvescola/playlists?shelf_id=17&sort=dd&view=50>.

⁹ O canal se encontra em: <<https://www.youtube.com/user/sitedescomplica>>.

Audiobiografia: instrumento de memória e informação

A audiobiografia é um formato que se insere dentro do gênero educativo-cultural, por lidar com a memória e com a informação. Tem como objetivo discutir a vida de determinada personalidade e, tendo como tema central um indivíduo, através de sua vida extrair lições a serem passadas ao ouvinte-leitor.

A escolha dos assuntos a serem abordados na audiobiografia é essencial para manter a atenção de quem escuta. Uma narração bem trabalhada, com uma dicção inteligível, o bom uso da trilha e de outros efeitos são atrativos, mas não conseguem prender a atenção do ouvinte até o fim; uma boa história é o que vai garantir a permanência. Este tipo de formato requer muita pesquisa prévia, assim como recolhimento de depoimentos – da personalidade em questão e/ou pessoas com quem esta obteve contato.

Trata-se de um formato que se propõe a um resgate da memória. Muitos dos audiobiografados podem ser também, por exemplo, personalidades já falecidas, sendo um formato muito usado em homenagens póstumas. Entretanto, é possível e um exercício estimulante abordar indivíduos vivos e atuantes, nesse caso, a memória entra ao relatar a trajetória de vida e também pela existência de um produto em áudio em que ficarão registrados os feitos do(a) audiobiografado(a).

Sendo um formato pouco explorado e com pouca visibilidade dentro das produções em áudio, é possível notar que seguem um padrão: narração clara, trilha musical e uso de entrevistas. Porém, dentro de uma produção laboratorial universitária, surgem novas opções: história narrativa, a junção de elementos ficcionais, dados estatísticos, depoimentos e o uso de efeitos para a ilustração.

Um exemplo da versatilidade do formato é o *podcast* norte americano *Living The Dream With Rory O'Malley*¹⁰. Disponibilizado digitalmente, o programa consiste em biografar personalidades do teatro norte-americano – mais especificamente da *Broadway* – e esclarecer, explicar e apresentar a realidade do mercado teatral nos Estados Unidos da América. A cada episódio, *O'Malley* e o(a) convidado(a) biografado(a) conversam acerca de suas experiências profissionais e oferecem ao ouvinte-leitor uma crua e verdadeira análise e reflexão da indústria da área.

¹⁰ Todos os episódios do referido *podcast* podem ser acessados em: <<https://roryo.podbean.com>>.

Outro exemplo, que serviu de inspiração para a realização da audiobiografia que produzimos, é o programa da rádio EBC, *Na Trilha da História*, sobre Elis Regina¹¹. Apesar de ser um programa extenso de 55 minutos e 17 segundos, é extremamente dinâmico, com uma narração viva, intercalada com as músicas da cantora e entrevistas de um especialista. Os acontecimentos narrados da vida de uma das maiores cantoras do Brasil criam no ouvinte uma curiosidade e promovem uma imersão na história e na vida de Elis.

Personalidades como Elis Regina, Carlos Imperial, Machado de Assis, entre outros, já foram biografados pelo Programa *Na trilha da história* e têm sua obra apresentada para grande público¹². Além de um intenso trabalho de pesquisa, os programas também contam – como consta na definição a seguir retirada da página inicial do programa¹³ – com entrevistados que enriquecem a peça com dados ou curiosidades. “[...] mistura um bate-papo sobre História do Brasil e do Mundo com músicas. Toda semana, a apresentadora Isabela Azevedo recebe um entrevistado para falar sobre um período ou personagem histórico.” (EBC, *online*).

Os caminhos para a produção de uma audiobiografia

Num primeiro momento não sabíamos quem escolheríamos para ser o nosso audiobiografado. Como a orientação do professor Elton Bruno Pinheiro, docente da disciplina Roteiro, Produção e Realização em Áudio, era que fosse escolhida uma pessoa que tivesse alguma relação com a Universidade de Brasília (UnB), a gama de possibilidades era enorme.

Decidimos então escolher alguém do nosso meio que também tivesse um papel significativo para a sociedade. Escolhemos, portanto, a professora Dione Oliveira Moura. Dois principais motivos dessa escolha são o fato de a professora ser uma das relatoras do processo de cotas raciais na UnB e por integrar a minoria de professores negros na Faculdade de Comunicação – a universidade que deu início ao programa de cotas tem

¹¹O programa pode ser encontrado em: <<http://radios.ebc.com.br/na-trilha-da-historia/2017/03/na-trilha-da-historia-homenageia-elis-regina>>.

¹²Todos os programas mencionados podem ser acessados em: <<http://radios.ebc.com.br/natrilhadahistoria>>.

¹³Sinopse disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/natrilhadahistoria> Na sessão intitulada ‘Sobre o programa’> .

uma porcentagem de professores autodeclarados negros baixíssima, segundo a matéria¹⁴ do *site* de notícias G1, a porcentagem em 2016 era de menos de 2%.

Dione Moura também é pesquisadora de temas como questões raciais, ações afirmativas, gênero e questões ambientais; e não se contenta em ser só pesquisadora, trabalha/milita ativamente nas áreas em que desenvolve seus estudos. Nasceu em Goiânia, Goiás. A professora conta que a educação sempre foi prioridade para ela e para seus irmãos. Dione se formou em Comunicação Social – Jornalismo – em 1986 pela Universidade Federal de Goiás; veio para Brasília cursar o Mestrado na UnB, onde também realizou seu Doutorado e desde então é professora na Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB. Em 2003, atuou como relatora do processo de cotas na UnB, possui um número muito expressivo de participação em bancas de Trabalhos de Conclusão de Cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado.

Um dos principais intuítos da peça em questão, sempre seguindo a vida de nosso sujeito – Professora Dione Moura – como ponto norteador, é discutirmos a presença dos negros no ambiente acadêmico. Este ponto foi estabelecido logo ao iniciarmos o processo de pesquisa, o que nos influenciou no momento da escolha.

Depois da escolha da audiobiografada, era necessário escolher o método de produção. A pesquisa foi feita em conjunto: Luiza Rodrigues ficou com o roteiro e a locução, Jusef Felipe ficou com a produção e edição. Uma das orientações do trabalho foi que houvesse entrevistas como fonte de pesquisa para a produção; também foi explanado em aula pelo professor Elton a possibilidade de se fazer um roteiro aberto para as entrevistas, assim decidimos optar por esse modo.

Com a escolha da nossa personagem – e uma primeira imersão na pesquisa – estabelecemos pontos para nos guiarmos em pesquisa mais aprofundada e durante a entrevista com a Professora Dione. Um roteiro aberto se diferencia por não conter perguntas fechadas, e sim tópicos a serem abordados, deixando que o entrevistado discorra livremente sobre eles. Os tópicos¹⁵ escolhidos foram:

- Biografia – Origem, carreira acadêmica;
- Negros no corpo docente – Processo de implantação do Sistema de Cotas;
- Negros no corpo discente – Representatividade;
- Importância do diálogo acerca de questões raciais em casa.

¹⁴ A matéria pode ser acessada em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/01/pioneira-em-cotas-raciais-unb-tem-menos-de-2-de-professores-negros.html>>

¹⁵ A pedido da Professora Dione Moura estes pontos foram enviados a ela previamente por *email*.

Foi realizado o contato com a professora Dione através de seu *e-mail*, ela respondeu rapidamente e de forma atenciosa se dispondo a participar do projeto. Marcamos uma data para fazer a entrevista.

Iniciamos um extenso processo de pesquisa – análise da página da Professora na plataforma *Lattes*, artigos escritos por ela, entrevistas que concedera, artigos acerca da implantação do sistema de cotas e a escassez de professores negros na universidade.

Foi decidido que usaríamos as falas da professora no produto, ou seja, seria necessário uma captação de som externo, o que pareceu, a princípio, ser um problema pela falta de equipamentos. Muitos colegas contam que enfrentaram problemas com o gravador que a Técnica da FAC disponibiliza, então usamos equipamentos pessoais. Para entrevista utilizamos um microfone do estilo lapela, que possui um conector compatível com *smartphones* e afins, que demonstrou ter uma qualidade de captação satisfatória.

A entrevista ocorreu na sala de reuniões da Faculdade de Comunicação – local isolado e com pouco barulho para não comprometer a qualidade do resultado final – totalizando 40 minutos e 13 segundos. A Professora Dione foi bastante receptiva e nos concedeu uma entrevista muito rica em detalhes. A longa duração da entrevista mostrou-se um desafio para nós, uma vez que nós tínhamos muito material para enriquecer nosso trabalho e, ao mesmo tempo, a orientação prévia de que o tempo máximo da peça deveria ser de 7 (sete) minutos.

Após a entrevista com a professora Dione Moura, Luiza Rodrigues sugeriu que fizéssemos entrevistas com alunos da UnB, perguntando se já tiveram aula com professores negros e se isso fazia alguma diferença. As entrevistas seriam inseridas no meio do produto, conseguimos respostas de diversos pontos de vista.

Com a entrevista realizada, o próximo passo foi a estruturação do roteiro, que consistiu em analisar atentamente a entrevista, selecionar as partes que iríamos utilizar e, então, a elaboração do roteiro. Esta etapa coube a Luiza. Houve uma escuta minuciosa da entrevista e anotação das falas – assim como os minutos e segundos em que entravam – que melhor se encaixariam em nosso pré-roteiro. Em seguida se iniciou o processo de elaboração do roteiro definitivo, algumas falas da Professora Dione foram incorporadas como falas da locutora. A estrutura do roteiro consiste em falas intercaladas entre a locutora e a Professora Dione e uma pequena inserção da entrevista – previamente citada.

Estabelecido o roteiro, Luiza gravou no Laboratório de Áudio da FAC as falas do locutor e em seguida ambos percorremos os corredores do ICC (Instituto Central de Ciências), no campus Darcy Ribeiro da UnB, colhendo depoimentos de alunos com o intuito de obtermos mais informações acerca da escassez de negros no quadro discente da faculdade.

Com o roteiro pronto e as locuções gravadas a etapa seguinte foi a edição. Não foi necessário um tratamento extensivo nos arquivos, a remoção de ruídos foi mínima. Nas locuções gravadas por Luiza só foi necessário regular o ganho, porém como a gravação da entrevista com a professora Dione tinha 40 minutos, o trabalho de achar as falas a serem usadas foi exaustivo; outro problema é que Dione se expressou de forma muito espontânea, de maneira não-linear em suas ricas falas, com algumas pausas e hesitações, típicas desse tipo de entrevista –, assim, para manter um ritmo na peça, foi necessária a remoção pontual de marcas da oralidade. A trilha sonora foi trabalhada basicamente em *background* – ao fundo da narração sem sobrepor a fala.

A maior dificuldade que uma audiobiografia pode trazer no momento da sua realização é a falta de pesquisa aprofundada. Não é possível falar sobre alguém sem que haja uma quantidade suficiente de informação sobre a pessoa, caso contrário corre-se o risco de falar e falar e acabar não expressando nada. Em toda a realização é possível enfrentar problemas do tipo: falta de planejamento, não cumprimento de prazos, falta de disponibilidade de horários da equipe e do entrevistado, ao produzir uma audiobiografia é preciso estar atento para não cometer esses erros.

Contudo, devido a nossa pré-produção e etapa de pesquisa bem desenvolvidas, o desafio maior que enfrentamos foi o processo de garimpagem da entrevista e a edição das falas da personagem. Ambos os pontos ocorreram – como já falado – devido à longa entrevista que realizamos, o que nos exigiu certa “costura” de falas e trechos distintos.

Voltamos a reiterar aqui a extrema necessidade de um dedicado processo de pesquisa, pois em um trabalho desta natureza a entrevista e o roteiro são estruturados, sobretudo, pelo conhecimento prévio.

A pesquisa é a parte principal da produção de uma audiobiografia. Tivemos a sorte de escolher alguém com bastante informação disponível e com disposição de falar sobre si. Nem todos os audiobiografados possuem essas características. Produzir essa peça nos mostrou que, se a pesquisa for rica, o roteiro fica mais bem estruturado o que

faz a edição ser mais fácil e precisa. O segredo para a realização de uma boa audiobiografia é, sem dúvidas, a pesquisa.

A voz como elemento estético norteador

Em nossa peça a voz foi o carro chefe. Com uma trilha sonora em BG (*background*)¹⁶ por quase toda a peça as falas da locutora e as falas da Professora Dione eram as responsáveis por informar aos ouvintes-leitores do que se tratava o trabalho. É a voz que guia a história e que guarda a maioria da informação que planejamentos transmitir.

Visto que é necessário que um produto em áudio seja dinâmico, houve, pelo limitado tempo da peça, um trabalho de corte muito grande na fala da professora entrevistada. Já na fala da Luiza, não foi preciso cortar nem mesmo as pausas, pois a locução feita por ela estava em sintonia com o tempo previsto para a execução da peça e muito bem com todos os aspectos do produto – uma voz suave, mas firme que interage com os ouvintes-leitores.

Uma alternativa estética, ainda dentro do elemento voz, foi a inserção de entrevistas com alunos da UnB. Além de dinamizar o produto, estão colocadas de uma forma que prendem a atenção do ouvinte-leitor. É importante ter cuidado ao fazer uma audiobiografia, pois a locução de só uma pessoa pode deixar maçante e cansativo, e o uso de diversas vozes e locuções pode fazer com que o produto perca sua unidade.

Embora em segundo plano, a escolha da trilha não foi negligenciada. Escolhida por Jusef Felipe durante a montagem, foi decidido previamente que deveria se tratar de algo nacional, descontraído e leve para que fosse mantido um tom otimista e por vezes contemplativo que não interferisse nas falas/vozes.

A trilha musical, além de trazer leveza a audiobiografia, faz com que o ouvinte-leitor se identifique e também quebra a possível monotonia da fala. Além disso, aparece com outras funções, entre as falas da professora Dione e as locuções da Luiza, Jusef aumentou o ganho para que a trilha que já estava no *background*, agisse como uma cortina – cortinas são pequenos efeitos sonoros que são inseridos com a função de

¹⁶ Background é, de modo geral, o som (de vozes, música, efeitos, ruídos) que se ouve em segundo plano em determinado ambiente ou produto audiovisual.

separar um assunto de outro –, separando as falas, dando um tempo para o ouvinte captar melhor a mensagem.

Contudo – quebrando o até então papel secundário da trilha – ao final da peça a fala abre alas para uma sutil e rápida mudança de foco. Nos instantes finais é introduzida a música Comportamento Geral, composta e cantada por Gonzaguinha – até este ponto da peça a trilha era somente instrumental – cuja letra conversa, de modo complementar e reflexivo, com as falas finais da professora Dione Moura. A poesia e melodia da referida canção também trouxeram à audiobiografia a mensagem que planejamos transmitir.

Considerações finais

Embora atualmente negligenciada por nossa sociedade excessivamente visual a cultura do ouvir é primordial para nós. Através da capacidade de ouvir é possível instigar nossa imaginação, aguçar nossa inteligência e vivenciar prazeres que somente o olhar não é capaz de proporcionar.

A linguagem sonora com suas especificidades é rica e proporciona um universo a ser trabalhado. Este é vasto e poderoso, contudo, é necessário sabedoria para que um conteúdo seja devidamente adaptado para este meio tão particular.

Por integrar o universo das novas mídias, as produções em áudio devem se adaptar de forma dinâmica e atrativa. É necessário produzir conteúdos que vão além do entretenimento e possuam a função social de instruir e educar, pois o alcance que os produtos em áudio têm é muito extenso, seja no rádio ou na *internet*.

O formato audiobiografia é ainda pouco explorado, mas possui um campo muito vasto de possibilidades. Atua como instrumento ressignificador da memória, e também como disseminador de conhecimentos – possui uma capacidade de impacto e assistência à comunidade muito grande –, podendo não só instruir, mas também entreter quem gosta de uma boa história. Ao produzir uma peça deste formato, pudemos perceber o qual poderoso e eficiente ele pode ser.

Por fim, possuir um ambiente à disposição como o Laboratório de Áudio da FAC/UnB e o ambiente disponibilizado pela disciplina Roteiro, Produção e Realização em Áudio para produzir dentro dos mais diversos gêneros e formatos é algo

extraordinariamente rico para os estudantes, pois possuem a liberdade de experimentar e se descobrirem enquanto futuros profissionais do Audiovisual.

Em um mundo comunicacional que está inserido cada vez mais no ambiente digital e interativo, é importante que exista experimentação em produtos que seriam restritos aos velhos meios, para que se encaixem dentro dos novos modelos e das novas exigências do público e passem a integrar as novas plataformas. Dentro do ambiente laboratorial é permitido arriscar, criar, modificar, e o resultado disso é sempre positivo para a própria linguagem trabalhada.

Referências

ANDRELO, Roseane e KERBAUY, Maria Tereza. Gênero educativo no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências das Comunicações, São Paulo, v.32, n.2, p. 147 – 164, jul./dez. 2009.

ALVES, Walter. A Cozinha Eletrônica In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio** – textos e contextos vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Cultura do Ouvir**. Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO, 1997. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/ouvir.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Teorias do rádio** – textos e contextos vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.

CANAMARY, Mariana Lima Sousa. É preciso resgatar a cultura do ouvir. **Comunicação e Sociedade**, v. 30 n. 50, p.255-257, 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/722/726>>. Acesso em: 11 out. 2017.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **Vozes e Roteiros Radiofônicos**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAPLÚM, Mario. **Programas de Rádio, do sorteio à direção**. Tradução de Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi (Org.). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

MELLO VIANNA, G. V. G. Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo. **Galaxia**, n. 27, p. 227-240, 2014.

ROLDÃO, Ivete Cardoso. **O Papel de Uma Rádio Educativa**. 2002. Disponível em: <<http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal1/MesasRedondas/IveteCardoso.htm>>. Acesso em: 11 out. 2017.

SCHAFER, R. Murray. **A Afinação do Mundo**. Fundação Editora da UNESP. 1997.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e Formatos Radiofônicos. In: HAUSMAN Carl et al. **Rádio** – Produção, Programação e Performance – Tradução da 8ª Edição Norte-Americana. São Paulo: Cengage Learning, 2010.